

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E LETRAS**

Juliana Aparecida Pimenta

**PÁGINAS DE LUTA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA IMPRENSA
NEGRA NO BRASIL**

TAUBATÉ – SP

2023

Juliana Aparecida Pimenta

**PÁGINAS DE LUTA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA IMPRENSA
NEGRA NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História apresentado ao Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté, como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Moacir José dos Santos

TAUBATÉ – SP

2023

PÁGINAS DE LUTA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E ATUAL DA IMPrensa NEGRA NO BRASIL

Juliana Aparecida Pimenta ¹

RESUMO

Este estudo examina a imprensa negra no Brasil, analisando sua evolução histórica e impacto contemporâneo. Contextualizado no cenário pós-abolição e moldado pelas lutas contra o racismo sistêmico, o estudo busca entender as origens, desafios e realizações da imprensa negra. A justificativa reside na importância de recuperar vozes marginalizadas, amplificando a representatividade afro-brasileira. A pesquisa corresponde a investigar o papel histórico e a relevância da imprensa negra. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem bibliográfica de teóricos posicionados em uma perspectiva histórica, a considerar recortes e o todo, combinando uma análise histórica profunda com uma compreensão das dinâmicas contemporâneas. Resultados incluem perspectivas críticas sobre a resiliência da imprensa negra, destacando seu impacto na conscientização racial e na promoção da cultura igualitária.

Palavras-chave: Imprensa Negra, Identidade Afro-Brasileira, Resistência, Representatividade.

1. INTRODUÇÃO

¹ Universidade de Taubaté

Na tessitura da sociedade brasileira, a negritude emerge como um fio vital, entrelaçado na rica tapeçaria cultural do país. Desde os primórdios da história brasileira, a comunidade afrodescendente contribuiu significativamente para a formação da identidade nacional, apesar das adversidades impostas pelo regime escravocrata e pela discriminação racial persistente. Nesse contexto, a imprensa negra surge como um farol de resistência e expressão, lançando luz sobre as vozes silenciadas e as narrativas muitas vezes esquecidas.

A trajetória da imprensa negra no Brasil é intrinsecamente entrelaçada com as complexas relações étnico-sociais que marcaram o país desde os tempos coloniais. Desde o século XIX, quando o Brasil ainda sofria sob o peso da escravidão, a imprensa negra emergiu como uma resposta direta às injustiças e opressões sofridas pela população afro-brasileira. Sob o jugo da escravidão, os afro-brasileiros enfrentaram uma série de desafios, incluindo a negação de seus direitos fundamentais, a desumanização sistemática e a repressão cultural (Sodré, 1999)

Nesse cenário, surgiram intelectuais e ativistas afro-brasileiros visionários, que perceberam a necessidade urgente de criar um espaço para dar voz às suas experiências, suas lutas e suas conquistas. Estes primeiros periódicos, como o "Liberdade" fundado em 1833 por Luís Gama e o "O Clarim da Alvorada" de 1863 editado por Francisco Sotero dos Reis, foram não apenas veículos de informação, mas também instrumentos de resistência e conscientização racial em um tempo quando as violências eram ainda menos desmascaradas. Eles se tornaram espaços onde as histórias da comunidade afro-brasileira podiam ser compartilhadas, onde os ideais de liberdade e igualdade podiam ser proclamados em meio à injustiça (Moura, 1989).

No século XX, especialmente após a abolição formal da escravidão em 1888, a imprensa negra no Brasil floresceu, encontrando novas formas de expressão em jornais, revistas e, posteriormente, na era digital, em publicações online. Estes veículos não apenas documentaram a história afro-brasileira, mas também se tornaram catalisadores vitais na articulação dos movimentos sociais e na disseminação de ideias emancipatórias. Eles serviram como pontes entre comunidades dispersas, criando uma rede de solidariedade e fortalecendo o senso de identidade racial.

Figuras notáveis como Abdias do Nascimento, com seu jornal "Quilombhoje", e Carolina Maria de Jesus, autora de "Quarto de Despejo", destacam-se como exemplos brilhantes do poder transformador da imprensa negra. Suas obras não apenas iluminaram as

condições difíceis enfrentadas pela população negra, mas também inspiraram gerações subsequentes a continuar a luta por igualdade e justiça social (Silva, 2007).

No contexto do Brasil, a imprensa negra não é apenas uma testemunha da história afro-brasileira; é um reflexo dinâmico das interações étnicas e sociais que continuam a moldar a nação. Ela é um espelho que reflete não apenas as lutas e as conquistas, mas também a resiliência e a criatividade da comunidade afro-brasileira. Ao analisar o desenvolvimento da imprensa negra, somos convidados a mergulhar profundamente na riqueza da experiência afro-brasileira e a reconhecer o papel vital que essas publicações desempenharam e ainda desempenham na construção de um Brasil mais inclusivo e igualitário. Com isso, este estudo em questão busca desvendar as páginas dessa história complexa e múltipla, a partir do objetivo principal de compreender como esses veículos de comunicação moldaram a identidade afro-brasileira, resistiram à marginalização e influenciaram as transformações sociais.

Para alcançar essa meta, a pesquisa se baseou em uma extensa revisão bibliográfica, incorporando obras acadêmicas, ensaios, artigos e fontes primárias relacionadas à imprensa negra no Brasil. A seleção dos materiais foi criteriosa, privilegiando estudos que apresentem análises aprofundadas sobre o tema e que contextualizem os eventos históricos e sociais que moldaram a imprensa negra.

Durante o debruçamento sobre a imprensa negra no Brasil, foram consultados diversos sites confiáveis e fontes online relevantes para fundamentação teórica. Essas referências foram valiosas fontes de informação, oferecendo artigos acadêmicos, periódicos históricos digitalizados e outras publicações que contribuíram significativamente para a fundamentação teórica deste estudo sobre a imprensa negra no Brasil.

Ao explorar a rica história da imprensa negra no Brasil, espera-se oferecer insights profundos sobre o papel crucial desempenhado por esses meios de comunicação na formação da identidade afro-brasileira e na resistência contra a marginalização.

Ao analisar de perto o legado da imprensa negra, almeja-se não apenas informar, mas também inspirar uma compreensão mais profunda e uma apreciação mais ampla da contribuição afro-brasileira para o cenário midiático.

Além disso, a expectativa é que esta iniciativa proporcione uma base sólida para futuras pesquisas e discussões sobre a imprensa negra no Brasil, incentivando o desenvolvimento contínuo de estudos que ampliem ainda mais nosso conhecimento sobre esse tema vital. Ao fortalecer a consciência histórica e cultural, esperamos que este estudo ajude a

fortalecer o empoderamento da comunidade afro-brasileira, contribuindo para um Brasil mais inclusivo e igualitário.

2. PERCURSOS E CONTEXTOS

No cenário multifacetado da comunicação social no Brasil, a imprensa negra assume um papel singular. Ela não apenas reporta os eventos do seu tempo, mas também constrói uma narrativa alternativa, uma contra história que reflete as aspirações e os desafios da comunidade afro-brasileira. Ao penetrar nas páginas desses jornais históricos, somos imersos não apenas em notícias do passado, mas também em uma sinfonia de vozes corajosas que, apesar das adversidades, proclamaram a sua identidade, exigiram justiça e clamaram por igualdade.

Os veículos de comunicação podem contribuir com a compreensão de que indivíduos ou grupos têm sobre determinados assuntos e não seria diferente com as questões raciais. Imprensa, literatura e produção artística ao discutirem as temáticas raciais tendem a cooperar com um imaginário sobre a miscigenação brasileira que é sustentado pela ideologia da democracia racial. Com uma visão mais crítica sobre o processo de miscigenação e seus efeitos, historicamente a negritude não se vê representada nas leituras raciais dos veículos de comunicação tradicionais e por isso buscou a construção de suas próprias narrativas na imprensa negra. (Araujo, 2019, p. 213)

A relação entre a imprensa negra e as demandas sociais, econômicas e políticas no Brasil é profundamente enraizada na trajetória complexa e multifacetada do país. Para entender essa relação, é crucial considerar o contexto histórico em que a imprensa negra surgiu e evoluiu ao longo dos anos (Pinto, 2010).

1. **Período Escravocrata (século XVI ao século XIX):** Durante o período da escravidão, a imprensa negra ainda não existia, mas as demandas sociais, econômicas e políticas dos afro-brasileiros eram marcadas pela luta pela liberdade e igualdade. Os quilombos, comunidades formadas por escravizados fugitivos, representavam uma forma de resistência. As demandas por liberdade e dignidade foram precursoras das futuras reivindicações que seriam amplamente abordadas pela imprensa negra (Pinto, 2010).
2. **Pós-Abolição (final do século XIX e início do século XX):** Após a abolição da escravidão em 1888, os afro-brasileiros enfrentaram enormes desafios sociais e

econômicos. A abolição foi seguida por um período de transição, quando ex-escravizados buscavam oportunidades econômicas e enfrentavam discriminação racial. Nesse contexto, a imprensa negra começou a surgir como uma voz vital para expressar as demandas por igualdade, educação e justiça (Pinto, 2010).

3. **Era Vargas (décadas de 1930 e 1940):** No período do governo de Getúlio Vargas, o Brasil passou por mudanças significativas nas políticas sociais e trabalhistas. A imprensa negra desempenhou um papel importante na mobilização dos afro-brasileiros para demandar direitos trabalhistas, melhores condições de vida e o combate à discriminação racial (Pinto, 2005).
4. **Ditadura Militar (1964-1985):** Durante o regime militar, a imprensa negra continuou a ser uma voz contestatória, destacando as violações dos direitos humanos, a brutalidade policial e a discriminação racial. As demandas sociais e políticas eram amplamente cobertas pela imprensa negra, que servia como um contrapeso às narrativas oficiais (Araujo, 2019).
5. **Era Contemporânea:** Nas últimas décadas, a imprensa negra continuou a evoluir, abordando questões sociais urgentes, como a violência policial, o acesso limitado à educação e oportunidades econômicas desiguais. Além disso, a imprensa negra também se voltou para a representação cultural e a promoção da identidade afro-brasileira, buscando afirmar a diversidade e a riqueza da herança cultural negra (Moura, 2014).

No cenário multifacetado da comunicação social no Brasil, a imprensa negra assume um papel singular, nesse contexto, a obra seminal de Bastide (1951, 1983) emerge como um portal, uma entrada para um universo onde eventos históricos não são meramente registros, mas também testemunhas de sentimentos profundos e aspirações. Ao estudar a imprensa negra em São Paulo, Bastide desvela os desafios enfrentados pelos pioneiros, as batalhas travadas nos escritórios de redação e os triunfos que ecoam ainda hoje. Este trabalho não apenas nos transporta para o passado, mas também ilumina a jornada contínua da imprensa negra, conectando-nos às raízes da luta por justiça e igualdade no Brasil. Ao explorar esses contextos e mergulhar nas páginas desses jornais históricos, somos convidados a compreender

não apenas o passado, mas também a força e a resiliência que moldaram a imprensa negra, tornando-a uma parte inestimável do tecido social e cultural do Brasil.

Fernandes (1964), ao examinar a integração do negro à sociedade de classes, nos oferece uma visão penetrante sobre o papel transformador da imprensa negra. Estes jornais e revistas não eram meros veículos de informação; eles eram agentes de mudança social, desafiando normas e inspirando gerações futuras a almejar um futuro mais igualitário. Moura (1989), em sua análise magistral na "História do negro brasileiro", coloca a imprensa negra em foco, mostrando como essas publicações não eram apenas narradoras de histórias, mas arautos de uma resistência incansável.

Camargo (1987) e Freitas (2009), em suas investigações sobre o negro escrito e a trajetória visível da imprensa negra, nos conduzem pelo labirinto das complexidades sociais e políticas que essas publicações enfrentaram. Esses estudos revelam não apenas os desafios, mas também as vitórias muitas vezes silenciosas que esses jornais alcançaram, quebrando barreiras e iluminando os caminhos para uma sociedade mais inclusiva.

A dissertação de Lima Junior (2009) sobre o jornal *Ìrohìn* mergulha nas profundezas da relevância educativa da imprensa negra. Esses jornais, como veículos de conscientização e mobilização social, deixaram uma marca indelével na educação dos brasileiros, desafiando preconceitos e estimulando o pensamento crítico. Ferrara (1981), em sua análise metódica da imprensa negra paulista, não apenas revela os eventos históricos, mas também os sentimentos e as aspirações dos escritores e editores que moldaram essas publicações.

Pinto (2006) examina não apenas os periódicos em si, mas também os contextos políticos e sociais em que surgiram. Ela nos conduz por um cenário histórico complexo, destacando como esses jornais e revistas foram instrumentos cruciais de resistência e afirmação para a comunidade negra no Brasil do século XIX. O título sugestivo, "De Pele Escura à Tinta Preta", reflete a transformação simbólica e ideológica que essas publicações representaram para indivíduos e comunidades afro-brasileiras.

Finalmente, Sodré (1999), com sua visão panorâmica sobre a história da imprensa no Brasil, coloca a imprensa negra em seu devido lugar no cenário da mídia brasileira. Esse legado perdura, ecoando através das décadas, continuando a inspirar e desafiar, e lembrando-nos da importância contínua da diversidade e da representação justa nos meios de comunicação. Estas obras não são apenas estudos acadêmicos; são testemunhos de uma luta incansável e uma celebração da resiliência da comunidade afro-brasileira.

Essas pesquisas não apenas lançam luz sobre os desafios enfrentados pelos escritores e editores negros da época, mas também revela as estratégias criativas que utilizaram para

disseminar ideias emancipatórias. Ao investigar essa dinâmica, a autora nos oferece uma visão profunda das vozes e das narrativas que emergiram das páginas desses jornais, ilustrando a diversidade de perspectivas e experiências dentro da comunidade negra no Brasil do século XIX.

Além disso, ao contextualizar a imprensa negra dentro do cenário mais amplo da história brasileira, esses teóricos oferecem noções importantes sobre como esses periódicos contribuíram para moldar debates sociais e políticos cruciais da época. Sua pesquisa se destaca por sua abordagem interdisciplinar e pelo cuidado meticuloso com os detalhes históricos, proporcionando aos leitores uma compreensão aprofundada do papel vital desempenhado pela imprensa negra no processo de construção da identidade afro-brasileira e na luta pela igualdade e justiça social.

3. ALGUMAS ESTRATÉGIAS DA NEGRITUDE

Ao longo do seu percurso, a imprensa negra no Brasil desenvolveu estratégias discursivas complexas e multifacetadas para promover a conscientização racial e a igualdade em um país profundamente marcado por desigualdades. Essas estratégias variaram desde a denúncia direta do racismo estrutural até a celebração vibrante da rica cultura afro-brasileira, todas contribuindo para uma transformação gradual da mentalidade na sociedade brasileira. A análise dessas estratégias torna-se essencial para compreender não apenas a história da imprensa negra, mas também sua relevância contínua na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Munanga (1986), em sua obra "Negritude: Usos e Sentidos", proporciona uma análise profunda e reflexiva sobre o significado e as implicações da negritude. Munanga não apenas explora as origens históricas do conceito, mas também examina as várias maneiras pelas quais a negritude é percebida, vivida e interpretada em diferentes contextos sociais e culturais. Sua obra desvela as complexidades da identidade negra, destacando tanto as lutas quanto as celebrações que permeiam a experiência afrodescendente.

Por outro lado, Stuart Hall (2003) explora as múltiplas camadas de identidades culturais, especialmente aquelas forjadas por comunidades diaspóricas. Ele desafia as noções tradicionais e estáticas de identidade, enfatizando a natureza fluida e dinâmica das identidades diaspóricas. Ao fazê-lo, ele lança luz sobre as interseções complexas de raça, cultura e pertencimento que caracterizam as experiências diaspóricas.

Ambas as obras são cruciais para compreendermos não apenas as experiências negras, mas também as nuances intrincadas das identidades em um mundo cada vez mais globalizado. Munanga e Hall, por meio de suas análises penetrantes, enriquecem nosso entendimento sobre as dinâmicas culturais e sociais que moldam a negritude e as experiências diaspóricas, convidando-nos a questionar e reconceituar nossas próprias compreensões sobre identidade e pertencimento em um mundo diversificado e interconectado.

Nascimento (1982), em sua obra "O Quilombismo", oferece uma análise profunda sobre a imprensa negra, retratando-a como um veículo crucial de conscientização racial no Brasil. Em um contexto histórico onde a identidade afro-brasileira enfrentava sistemáticas tentativas de apagamento, a imprensa negra emergiu como um farol de resistência. No entanto, essa jornada não foi isenta de dificuldades. No auge do movimento pelos direitos civis no Brasil, jornalistas e escritores negros enfrentaram intensa repressão e censura por parte das autoridades. Suas publicações eram constantemente vigiadas, e muitas vezes, suas vozes eram abafadas pelo medo da perseguição. Apesar desses desafios, a imprensa negra persistiu, desafiando estigmas e articulando uma visão positiva e empoderadora da comunidade negra.

Moura (1989), em "Sociologia do Negro Brasileiro", mergulha nas estratégias discursivas adotadas pela imprensa negra para redefinir a narrativa racial no Brasil. Em um país onde o racismo estrutural permeava todas as esferas da sociedade, a imprensa negra teve que enfrentar não apenas a resistência das instituições, mas também a hostilidade de uma parte da sociedade. Jornalistas negros enfrentaram ameaças físicas e difamação, enquanto suas publicações eram muitas vezes boicotadas. Apesar dessas adversidades, a imprensa negra persistiu, desafiando a opressão racial com uma retórica articulada e poderosa que redefiniu a autoimagem da comunidade negra.

Silva (2007), em "Imprensa Negra: Linguagens e Discursos", destaca as técnicas linguísticas e discursivas empregadas pela imprensa negra ao longo do tempo. Nesse contexto, os jornalistas enfrentaram obstáculos significativos. No período pré-internet, quando o acesso à informação era limitado, a disseminação das publicações da imprensa negra era muitas vezes restrita a círculos específicos. As restrições econômicas também eram uma barreira, dificultando a produção e distribuição desses periódicos. No entanto, esses obstáculos não impediram a imprensa negra de desenvolver estratégias criativas e inovadoras para alcançar seu público-alvo, incluindo o uso de linguagem acessível e envolvente para cativar leitores e transmitir mensagens de conscientização racial e igualdade.

Carneiro (2005), em "Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira", destaca como a imprensa negra incorporou as práticas religiosas afro-brasileiras em suas estratégias discursivas. No contexto de uma sociedade predominantemente cristã e frequentemente intolerante com outras religiões, a imprensa negra enfrentou perseguições por celebrar a religiosidade de matriz africana. A promoção destas tradições espirituais, embora fundamental para a preservação da identidade cultural, frequentemente colocava os jornalistas negros em conflito direto com as autoridades religiosas e políticas. No entanto, essa resistência só reforçou a determinação da imprensa negra em defender a liberdade religiosa e, ao mesmo tempo, destacar a riqueza da diversidade cultural no Brasil. Essas batalhas e resistências foram fundamentais para moldar o caráter resiliente da imprensa negra no Brasil, tornando-a uma voz inquebrantável na luta pela igualdade racial e pela afirmação da identidade afro-brasileira.

3.1 Realidade com mídias e novas tecnologias

Os processos de midiaticização implicaram em novas condições de produção, circulação e reconhecimento para o discurso jornalístico. É nesse cenário que as mídias negras digitais encontram espaço para emissão de vozes da diferença, com outros afetos e novas epistemologias. (Santana e Silva dos Santos, 2020, p. 6)

A avaliação do impacto das novas tecnologias e das redes sociais na continuidade e transformação da imprensa negra brasileira é um tema cuja necessidade o deixa em constante menção. Nas últimas décadas, as plataformas digitais e as redes sociais tornaram-se espaços cruciais para a expressão cultural e política, especialmente para comunidades afro-brasileiras. Nesse contexto, diversos estudiosos têm se dedicado a entender as complexas dinâmicas entre a imprensa negra, a identidade racial e a tecnologia.

Alakija (2012), em seu estudo sobre "Mídia e Identidade Negra", investiga o papel da mídia na formação da identidade afro-brasileira. Ao analisar como os afro-brasileiros são representados na mídia tradicional e digital, o autor destaca a influência dessas representações na percepção da identidade racial, especialmente no contexto online, onde as vozes negras têm encontrado novos espaços de expressão e resistência, além de possibilidades.

Com o advento da internet, as redes sociais proporcionaram às comunidades negras uma plataforma global, transcendendo fronteiras geográficas e conectando indivíduos com experiências e perspectivas similares. A imprensa negra, antes restrita a jornais e revistas locais, agora alcança audiências em todo o país e além, amplificando suas mensagens de conscientização racial e igualdade.

No contexto digital, o local de fala da imprensa negra ganhou uma relevância ainda maior. Ao utilizar plataformas online, jornalistas e ativistas negros têm a oportunidade de contar suas próprias histórias, desafiando narrativas hegemônicas e estereótipos prejudiciais. Esse alcance expandido não apenas amplifica suas vozes, mas também desempenha um papel fundamental na desconstrução do racismo estrutural, promovendo uma compreensão mais profunda e empática das experiências afro-brasileiras.

Alcântara (2016), ao explorar a interseção entre ciberativismo e movimentos sociais, joga luz sobre como as redes sociais têm sido fundamentais para a organização dos movimentos afro-brasileiros. Ao utilizar plataformas digitais, os ativistas da imprensa negra têm encontrado novas formas de mobilização, alcançando audiências mais amplas e engajando-se em diálogos significativos sobre questões raciais e sociais.

As redes sociais têm sido fundamentais para mobilizar movimentos afro-brasileiros, proporcionando um espaço para o diálogo, a educação e a conscientização sobre questões raciais. As hashtags e os movimentos virtuais tornaram-se ferramentas poderosas para reunir pessoas, compartilhar histórias e criar uma rede de solidariedade, transformando a imprensa negra em um veículo dinâmico para a promoção da justiça social.

Domingues (2007), ao oferecer uma visão panorâmica do movimento negro no Brasil, destaca a importância contínua da imprensa negra como parte integral do ativismo e da luta por direitos civis. No cenário digital, essa imprensa tem se adaptado e inovado, desempenhando um papel vital na conscientização racial e na promoção da igualdade por meio de plataformas online.

Esses estudos são enriquecidos por pesquisas mais recentes, como Araújo (2017), que explora a presença da imprensa negra brasileira na internet, e Peruzzo (2009), que investiga as interconexões entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era digital. Ao considerar essas fontes variadas, torna-se evidente que a imprensa negra não apenas persiste, mas também floresce, graças às oportunidades oferecidas pelas tecnologias contemporâneas, continuando a moldar e a ser moldada pelo cenário midiático em constante transformação.

No cenário contemporâneo explorado por Araújo (2017), a imprensa negra brasileira se destaca como uma força transformadora e visionária, aproveitando as ferramentas digitais para moldar a narrativa nacional. Ao utilizar estratégias inovadoras de engajamento online, como mídias sociais e plataformas de streaming, a imprensa negra brasileira amplifica sua influência, alcançando um público mais amplo e diversificado. Ao fazê-lo, não apenas desafia preconceitos arraigados, mas também promove debates fundamentais sobre raça, identidade e

inclusão. Através de documentários, *podcasts*, artigos virais, e outros modos de linguagens mais recentes, a imprensa negra contextualiza a narrativa histórica do Brasil, destacando as contribuições significativas da comunidade negra para a cultura, política e sociedade brasileiras.

A pesquisa de Peruzzo (2009) é fundamental para entender as interconexões entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era digital. Este estudo oferece uma visão aprofundada de como as comunidades afro-brasileiras aproveitaram as tecnologias emergentes para criar redes de apoio e solidariedade, compartilhando narrativas que raramente encontravam espaço nos meios de comunicação tradicionais. A imprensa negra, através de estratégias inovadoras e colaborativas, conseguiu criar uma presença online poderosa, contribuindo para o fortalecimento da identidade racial e a promoção da igualdade em um mundo digital em constante mudança.

Portanto, ao considerar o contexto do século XXI e a era da internet, torna-se evidente que a imprensa negra brasileira não apenas persiste, mas também floresce em um ambiente digital, aproveitando as oportunidades oferecidas pela tecnologia para desafiar, educar e inspirar.

4. CONCLUSÃO

O racismo é uma força corrosiva que permeia todas as camadas da sociedade, incluindo a esfera da mídia e da imprensa. A imprensa, muitas vezes, desempenha um papel crucial na perpetuação ou na desmontagem das estruturas racistas. Historicamente, a imprensa negra no Brasil surgiu como uma resposta direta à discriminação racial e à falta de representatividade nas mídias mainstream.

A imprensa negra tem sido um contrapeso vital contra o racismo sistêmico. Ela oferece um espaço onde as vozes afro-brasileiras podem ser ouvidas, suas histórias contadas e suas lutas expostas. Estes veículos não apenas informam, mas também desafiam convenções raciais, desconstruindo narrativas preconceituosas e promovendo a conscientização sobre a rica diversidade da cultura afro-brasileira.

No entanto, ao mesmo tempo em que a imprensa negra desafia o status quo, ela muitas vezes enfrenta resistência e hostilidade. O racismo se manifesta através da cobertura tendenciosa, do sensacionalismo e da falta de espaço dado às questões e às vozes da comunidade negra. Além disso, nas plataformas digitais, vemos o surgimento de discursos de ódio racistas que visam silenciar e marginalizar ainda mais as vozes afro-brasileiras.

Mediante essas discussões, a análise da imprensa negra no Brasil requer uma abordagem intrincada que integre tanto a reflexão anacrônica quanto a perspectiva sincrônica, desvendando assim uma conjuntura de riquezas e resistências em constante transformação. Ao mergulhar nas raízes históricas, revelam-se não apenas os desafios, mas também a coragem e a tenacidade dos pioneiros que moldaram essas vozes. A reflexão anacrônica nos transporta para uma época onde o papel da imprensa negra era vital para resistência, desafiando preconceitos e proporcionando um espaço para narrativas até então marginalizadas.

Contudo, a visão sincrônica nos coloca diante das inovações tecnológicas, especialmente a ascensão da mídia digital e das redes sociais. Nesse contexto, surgem questões cruciais: como a imprensa negra navega no ciberespaço? Como ela mantém sua autenticidade em meio ao mar de informações digitais? Essa perspectiva contemporânea nos desafia a entender não apenas a continuidade, mas também a adaptabilidade da imprensa negra. Essas são perguntas norteadoras para trabalhos futuros.

Ao traçar paralelos entre essas duas perspectivas, surge uma compreensão mais profunda. A reflexão anacrônica revela a raiz da resistência, enquanto a perspectiva sincrônica ilumina a resiliência e a inovação. Além disso, essa análise conjunta nos permite discutir a relevância contínua da imprensa negra em questões cruciais, como representatividade, identidade e justiça social.

No âmbito contemporâneo, a imprensa negra enfrenta desafios únicos, como a disseminação de informações falsas e a necessidade de combater discursos de ódio. No entanto, também testemunhamos a ampliação do alcance dessas vozes, alcançando audiências globais e gerando debates fundamentais sobre a afro-brasilidade e suas interseções com outras formas de opressão.

Integrando estas reflexões, emerge um retrato completo e detalhado da imprensa negra brasileira. É uma narrativa que vai além das páginas dos jornais e revistas; é um testemunho vivo da resistência persistente e da capacidade de adaptação às transformações sociais e tecnológicas. Este diálogo entre o passado e o presente não apenas nos educa sobre a riqueza da experiência afro-brasileira, mas também nos desafia a reconhecer e enfrentar os desafios do futuro. Ao celebrar a trajetória da imprensa negra, capacitamo-nos para apoiar e proteger essas vozes valiosas, não apenas como testemunhas da história, mas como arquitetas do futuro de um Brasil mais justo, inclusivo e igualitário.

REFERÊNCIAS

ALAKIJA, A. Mídia e identidade negra. In: BORGES, R. C. S; BORGES, R. (org). **Mídia e Racismo**. Brasília: ABPN, 2012, p. 108-154.

ALCÂNTARA, L. M. Ciberativismo e a Dimensão Comunicativa dos Movimentos Sociais: repertórios, organização e difusão. **Revista Política e Sociedade**, v. 15, n. 34, 2016.

ARAUJO, V. T. de. O papel da imprensa negra brasileira. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 212-228, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157190>. Acesso em: 31 out. 2023.

ARAUJO, V. T. **Imprensa negra brasileira na internet**. Trabalho apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Curitiba, 2017.

BASTIDE, R. A imprensa negra do estado de São Paulo. In: **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BASTIDE, R. A imprensa negra no Estado de São Paulo. In: Estudos afro-brasileiros. **Boletim de Sociologia**, 2. série, n.2. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1951.

CAMARGO, Oswaldo. **Imprensa negra**: estudo crítico de Clóvis Moura – Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, 2002.

CAMARGO, O. **O negro escrito**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CARNEIRO, Edison. **Candomblé e Umbanda**: Caminhos da Devoção Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, volume 23, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Integração do negro à sociedade de classes**. MEC: INEP: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais: Rio de Janeiro, 1964.

FERRARA, M. N. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: USP, 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 1981.

FREITAS, J. R. **A imprensa negra** - a trajetória visível. 1.ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LIMA JUNIOR, Ariovaldo. **Jornal Ìrohìn** - estudo de caso sobre a relevância educativa do papel da imprensa negra no combate ao racismo (1996-2006). 123f. São Paulo: USP, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2ª Ed. Anita: São Paulo, 2014.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

MUNANGA, K. **Negritude**: Usos e Sentidos. Ática: São Paulo, 1986

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1982.

PERUZZO, C. M. K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Galáxia, n. 17, 2009.

PINTO, A. F. M. **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX** - São Paulo : Selo Negro, 2010.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta** - a imprensa negra no século XIX (1833-1899). 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

SANTANA, André Luís Oliveira de; SILVA DOS SANTOS, Céres Marisa. Imprensa negra e a mediação dos discursos antirracistas: por outros afetos e epistemologias. Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mediação e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 4, out. 2020. ISSN 2675-4169. Disponível em: <<https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-mediaizacao-resumos/article/view/1229>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SILVA, Marcos Aparecido da. **Imprensa Negra: Linguagens e Discursos**. São Paulo: Annablume, 2007.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3ª ed., Editora Vozes: Petrópolis, 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.